

Relato de experiência: divulgação do projeto Jardim Sensorial

Experience report: dissemination of the Sensory Garden project



ISSN 2358-7180

Bruno Ricardo Peixoto de Resende¹, Carine Cabreira Reckel², Fabiana da Silva Kauark³, Nathália Gonçalves Sperandio Cott⁴, Sarah Guimarães Cunha⁵

RESUMO

Este relato pretende descrever a experiência do projeto de Jardim Sensorial durante os três dias da XVI Semana Nacional de Educação e Tecnologia e IV Jornada Integrada de Educação em Ciências, realizado no Instituto Federal - Campus Vila Velha, no mês de outubro, no ano 2019. Tem como objetivos apresentar as experiências vivenciadas através do Jardim Sensorial itinerante; promover a inclusão dos alunos com necessidades especiais no ensino de ciências; promover a formação inicial de licenciandos dos cursos de Pedagogia e Química e formação continuada de professores do ensino de ciências da Rede Pública Municipal de Vila Velha - Es. A metodologia da pesquisa utilizada foi de caráter descritivo com abordagem qualitativa. Observamos os participantes ao longo das atividades propostas e, ao final, fizemos grupo focal. Os resultados alcançados contribuíram na construção do projeto de Jardim Sensorial, assim como a integração dos cursos e execução do projeto no evento, e depois na manutenção desse espaço inclusivo, aberto para a comunidade. Conclui-se que é necessário pensar em práticas pedagógicas inclusivas, a fim de promover a aprendizagem integral do educando acerca do conteúdo a ser ensinado como, por exemplo, conhecer as plantas que fazem parte do nosso dia a dia, das plantas medicinais, dos temperos e plantas ornamentais, através dos sentidos do tato, olfato, paladar, visão e audição.

Palavras-chave: Educação. Jardim Sensorial. Inclusão. Ensino de Ciências.

ABSTRACT

This report intends to describe the experience of the Sensory Garden project during the three days of the XVI National Week of Education and Technology and IV Integrated Science Education Day, held at the Federal Institute - Vila Velha Campus, in October, in 2019. Its objectives are to present the experiences experienced through the itinerant Sensory Garden; promote the inclusion of students with special needs in science education; promote the initial training of undergraduates of pedagogy and chemistry courses and continuing training of science teaching teachers of the Municipal Public Network of Vila Velha - Es. The research methodology used was descriptive with a qualitative approach. We observed the participants throughout the proposed activities, and, at the end, we made a focus group. The results achieved contributed to the construction of the Sensory Garden project, as well as the integration of the courses and execution

¹ Mestre em Administração. Instituto Federal do Espírito Santo (IFES), Vila Velha, Espírito Santo, Brasil. E-mail: brunoricardo.pr@gmail.com. Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-5692-3002>

² Licencianda de Pedagogia. Instituto Federal do Espírito Santo (IFES), Vila Velha, Espírito Santo, Brasil. E-mail: carinereckel@gmail.com. Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-1923-8911>

³ PhD em Educação. Instituto Federal do Espírito Santo (IFES), Vila Velha, Espírito Santo, Brasil. Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-8807-931X>

⁴ Licencianda de Pedagogia. Instituto Federal do Espírito Santo (IFES), Vila Velha, Espírito Santo, Brasil. E-mail: nathaliacott25@gmail.com. Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-1464-4187>

⁵ Licencianda de Pedagogia. Instituto Federal do Espírito Santo (IFES), Vila Velha, Espírito Santo, Brasil. E-mail: sarah.g.cunha@gmail.com. Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-4258-4273>

of the project in the event, and then in the maintenance of this inclusive space, open to the community. It is concluded that it is necessary to think of inclusive pedagogical practices, in order to promote the integral learning of the student about the content to be taught, such as knowing the plants that are part of our daily life, medicinal plants, spices and ornamental plants, through the senses of touch, smell, taste, vision and hearing.

Keywords: Education. Sensory Garden. Inclusion. Science teaching.

INTRODUÇÃO

Este relato refere-se ao projeto de iniciação científica sobre o Jardim Sensorial apresentado na VI Jornada Integradora de Educação em Ciências, que ocorreu durante os dias 23, 24 e 25 de outubro, da XVI Semana Nacional de Ciências e Tecnologias. O Jardim Sensorial é um projeto que visa a promoção de ações inclusivas de educação científica e tem por objetivos apresentar as experiências vivenciadas através do Jardim Sensorial itinerante, e a inclusão dos alunos com necessidades especiais no ensino de ciências; promover a formação inicial de licenciandos dos cursos de Pedagogia e Química e formação continuada de professores do ensino de ciências da Rede Pública Municipal de Vila Velha - Es. O espaço sensorial foi construído como local de inclusão, educação e emancipação por meio do ensino de ciências da natureza e em sintonia com a Política Nacional de Educação Especial na perspectiva de Educação Inclusiva. A atividade realizada apresentou uma amostra do projeto Jardim Sensorial criado e desenvolvido no *campus* Vila Velha, em sua forma mais compacta de Jardim Sensorial Itinerante. A proposta teve como finalidade divulgar o projeto, associando a teoria à prática do ensino de ciências, estimulando a percepção através dos sentidos, a partir do contato direto e mediado com as plantas medicinais e ornamentais.

O Jardim Sensorial é um projeto que visa aproximação do ensino de ciências e alfabetização científica na inclusão de deficientes visuais e outras limitações. Para Vigotski (1997), a ausência da visão, assim como qualquer outro órgão dos sentidos, não seria o fator determinante para o desenvolvimento de uma criança, e sim a mediação realizada, além de considerar que a inteligência não é inata, ou seja, o fator determinante do aprendizado é a forma como o indivíduo será estimulado. Vigotski (1997), ainda, distingue a deficiência entre primária e secundária, sendo a primeira uma causa orgânica e a segunda social.

O que Vigotski nos fala, em tese sobre a deficiência, está às voltas da superação das limitações impostas pela condição orgânica, traçando possibilidades de

mediação com o sujeito de todas as maneiras e com instrumentos especializados, respeitando as condições adequadas à sua constituição humana. (SANTOS, 2016, p.54-55)

Nessa assertiva, a deficiência não define o caráter de aprendizagem do indivíduo, mas sim o processo de aprendizagem no qual o mesmo irá passar e como ocorrerá a mediação de ensino. Santos (2016) corrobora com o pensamento de Vigotski (1997) quando diz que é preciso olhar para o indivíduo não pela perspectiva das suas limitações, mas pelas suas possibilidades.

É preciso ressaltar que a inclusão deve unir todos os envolvidos, de tal forma que esses sujeitos pratiquem as atividades propostas de forma integral, colaborativa, acessível a todos, mesmo com suas limitações. É necessário, pensar em estratégias que potencializam atividades didático-pedagógicas que não privilegiam apenas um grupo específico e continuem segregando pessoas entre um “corpo saudável” e um “corpo com limitações”.

Tendo em vista esses aspectos acima relatados, observou-se, ao longo do desenvolvimento do projeto Jardim Sensorial, que é necessário repensar as práticas pedagógicas para que o resultado do ensino seja direcionado e potencializado também para o ensino de alunos videntes.

Apoiamo-nos também nos pensamentos freireanos ao considerarmos as vivências dos indivíduos com as quais nos relacionamos durante o processo de aprendizagem. Isso denota, segundo Freire, a importância da leitura de mundo antes da leitura das palavras a fim de proporcionar um espaço de fala aos excluídos (FREIRE, 1998). Em nossa experiência, lidamos majoritariamente com estudantes de escolas públicas e indivíduos com alguma necessidade especial. Portanto, foi fundamental colocá-los como o centro de toda a atividade, enquanto fazíamos a apresentação das plantas medicinais e ornamentais, bem como praticar a mediação e exploração dos sentidos (tato, olfato, audição, visão e paladar) dos visitantes durante a exposição da horta sensorial itinerante durante os três dias do evento.

No decorrer das atividades para explorar os sentidos, procuramos obter o conhecimento prévio que os participantes tinham acerca das plantas expostas, e com tais conhecimentos e saberes construídos, também aprendíamos com eles. Foi uma via de mão dupla, ora ensinávamos, ora aprendíamos. Afinal, conforme Freire cita em seu livro

Pedagogia do oprimido (1981): “Ninguém educa ninguém, ninguém educa a si mesmo, os homens se educam entre si, mediatizados pelo mundo” (p.79).

MATERIAIS:

A metodologia da pesquisa foi de cunho descritiva - e será apresentada ao longo do tópico no decorrer do texto -; através das experiências e vivências elencadas, compreendendo a diversidade e particularidade das informações obtidas a partir do enfoque qualitativo. (Kauark, et al, 2011). Nosso público alvo são pessoas deficientes visuais ou os deficientes com baixa visão, mas participaram surdos e também videntes.

O Jardim Sensorial do Ifes *campus* Vila Velha é um espaço amplo, com estruturas de madeira taipa, no qual as plantas são cultivadas e cuidadas. Nele preparamos toda a estrutura e o solo para fazermos o plantio, como mostra a imagem abaixo:

Figura 1- Estrutura da Horta Sensorial



Fonte: arquivo pessoal, 2019.

Para levarmos o jardim até o público de forma acessível e que respeitasse o espaço do stand no evento, propomos o Jardim Sensorial Itinerante. Selecionamos, então, as plantas mais comuns do dia a dia e as replantamos em pequenos vasos. Arrumamos esses

vasos dentro de caixotes de madeira para unir as plantas. Em seguida, levamos os caixotes para o stand e posicioná-los de modo que permitisse a passagem dos visitantes, mediadores e organizadores, além de facilitar o manuseio das plantas durante as dinâmicas. Também colocamos placas com frente e verso de identificação em cada planta com seus nomes popular e científico.

Figura 2- Jardim Sensorial Itinerante



Fonte: arquivo pessoal, 2019

Por se tratar de uma proposta inclusiva, o Jardim Sensorial Itinerante se encontrava no espaço de forma que os caixotes não foram fixados no chão, possibilitando diversas formas de exposição, de acordo a quantidade de visitantes que estava sendo atendida e, dessa forma, eram criadas e adaptadas outras formas de exposição das plantas. Para os deficientes visuais, por exemplo, a dinâmica utilizada consistia inicialmente em recepcioná-los, acomodá-los na cadeira e apresentar o projeto do Jardim Sensorial, seus objetivos e etapas posteriores. Instruímos que, durante a experiência sensorial, ao tocar nas plantas, relatassem suas sensações, texturas, tamanhos, formatos e aromas; solicitamos, também, que fosse falado algum sentimento que lhes fossem familiar durante o manuseio da planta no decorrer da experiência sensorial, e sugerimos que dessem um palpite do nome da planta, por exemplo.

Durante esse processo de experiência sensorial, fornecemos informações aos participantes referentes ao uso das plantas: se era medicinal; culinário ou ornamental; e quais receitas poderiam ter tais plantas como ingrediente, além de indicarmos se as folhas eram comestíveis. Isso estimulava a experiência sensorial através do tato, olfato e do paladar. Após o término do manuseio de algumas plantas, revelávamos se o palpite citado por eles estava correto, caso o participante não tivesse formulado um palpite ou não conhecesse a planta, falávamos o nome da planta para o seu conhecimento.

Para os videntes e ouvintes a dinâmica utilizada era semelhante, porém fazíamos o processo de vendar os olhos para que apenas os outros sentidos (paladar, olfato, tato e audição) fossem utilizados. Esse é um ponto chave da dinâmica, pois permite que o participante passe pela experiência de se colocar no lugar de um não vidente.

Para os surdos, a dinâmica utilizada acontecia com a mediação de um intérprete de libras, a proposta apresentada nos casos anteriores de experiência sensorial, já relatados, seguia o mesmo protocolo, com algumas adaptações. Nos outros casos, consistia inicialmente em recepcioná-los, acomodá-los na cadeira e apresentar o projeto do Jardim Sensorial, seus objetivos e em que consistiam as próximas etapas. Instruímos essas pessoas para que durante a experiência sensorial, ao tocar nas plantas, descrevessem suas sensações, texturas, tamanhos, formatos e os aromas que sentiam; pedimos também que sinalizassem se havia algo de familiar naquela planta, se era conhecida, se sabiam ou tinham algum palpite do nome. Após as orientações iniciais, o participante era vendado, e quando a planta demonstrada possuía folhas comestíveis, oferecíamos um pedaço em sua mão para degustação.

Ao contrário dos outros casos, nos quais apresentávamos primeiro todas as plantas em exposição para depois retirar a venda, com esses participantes, modificamos o procedimento de experiência sensorial. Também, para cada planta, a venda era retirada, informávamos se o palpite dado estava correto e, depois, falávamos acerca da planta.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Visão geral da experiência

A experiência ocorreu no período de três dias, durante a XVI edição da Semana Nacional de Ciências e Tecnologias, no *campus* do IFES Vila Velha, evento aberto à

comunidade externa. O Jardim Sensorial foi exposto em parceria com o projeto de extração de óleos essenciais, a partir de plantas medicinais e juntamente com o projeto da Cozinha Sensorial. No primeiro dia, tivemos muitas visitas no nosso stand e o evento contou com a presença de professores, servidores, estudantes da própria instituição, alunos da Educação Infantil e do Ensino Fundamental da educação básica de diversas escolas do município de Vila Velha.

Figura 3- Professores no Jardim Sensorial itinerante



Fonte: arquivo pessoal, 2019.

Os visitantes, no decorrer do dia, almejavam conhecer e obter informações sobre o projeto do Jardim Sensorial e, de forma indutiva, procuravam acertar os nomes das plantas medicinais ou ornamentais. Já no segundo dia do evento, reavaliamos nossa mediação e o nosso fazer, adaptando o procedimento de apresentação do projeto sobre o Jardim Sensorial, bem como as etapas de experiência sensorial, de modo a torná-la mais direcionada aos visitantes que foram majoritariamente estudantes do 9º ano do Ensino Fundamental da Educação Básica.

No terceiro e último dia, nós, do projeto Jardim Sensorial, juntamente com o projeto de caça-palavra inclusivo para deficientes visual, realizado pelos alunos da turma de Biotecnologia do Ifes Vila Velha; fomos convidados e realocados em outro espaço denominado “Sala de aula Inclusiva”, com o objetivo de receber visitantes com deficiência visual. Foi um momento no qual eles interagiram com os mediadores,

visitaram o espaço do Jardim Sensorial e depois participaram da atividade com o jogo de caça-palavras, assim como os demais participantes do evento. Foi uma manhã, de muitos registros “fotográficos subjetivos”, aqueles que jamais esqueceremos, que ficaram marcados como momentos únicos, com muitas lições aprendidas e ensinadas, principalmente pelos visitantes deficientes visuais no período da manhã. No turno da tarde, retornamos ao stand, a exposição do Jardim Sensorial ficou aberta ao público até as 15h, finalizamo-la com um grupo de 05 visitantes, fazendo uma técnica de grupo focal.

Preparativos:

No dia anterior à abertura da semana de Ciências e Tecnologias, reunimos todos os materiais que seriam utilizados nos dias posteriores - como mesa e cadeiras - e a decoração contou com confecção dos caixotes que serviriam de suporte para o Jardim Sensorial Itinerante. Selecionamos as plantas que seriam utilizadas, preferencialmente as que melhor atendessem a dinâmica do projeto e de pequeno porte, como as ervas aromáticas, temperos e ornamentais como as suculentas e cactáceas, replantando-as em vasos. Depois, confeccionamos placas com a identificação de cada planta. Em seguida, levamos tudo ao stand e organizamos o espaço, posicionando cada material de modo funcional.

Experiências no evento:

O primeiro dia foi desafiador, por ser a primeira exposição pública do projeto. Conferimos se o espaço estava organizado de forma funcional e posicionamo-nos para o início do evento. Na parte da manhã, recebemos principalmente os estudantes do instituto, professores e outros servidores. Empregamos a metodologia citada, na qual apresentamos o projeto, vendamos os participantes e medimos a experiência com as plantas. Fomos ajustando as falas e as apresentações das plantas conforme a necessidade. Além disso, trocamos muitos conhecimentos, dos quais nos apropriamos para incrementar o próprio discurso.

Figura 4- Aluna participando do Jardim Sensorial itinerante



Fonte: arquivo pessoal, 2019.

Figura 5- Público participando pela experiência do Jardim Sensorial.



Fonte: arquivo pessoal, 2019.

Ao final da manhã, tivemos dificuldade com a demanda de pessoas, principalmente ao recebermos turmas da Educação Infantil que excediam a quantidade programada de pessoas. Na tentativa de contornar a situação, alteramos a dinâmica aplicada e atendemos grupos de cinco em cinco para experienciar o projeto. Devido à

falta de sucesso, tivemos que repensar a nossa prática, a fim de garantirmos maior qualidade de interação das crianças.

No período da tarde, continuamos recebendo visitas e conciliamos as duas experiências: Jardim e Cozinha Sensoriais, que aconteceram em sequência à dinâmica inicial, na qual cada pessoa experimentou três receitas, sendo elas: bolo de beterraba com laranja, refrigerante natural de cenoura e laranja, por fim, brigadeiro de casca de banana.

Ao final, recebemos três turmas do Ensino Fundamental II e modificamos a logística da apresentação. Desta vez, posicionamos algumas cadeiras, formando quatro grupos, nos quais cada pessoa que fazia parte da organização do projeto ficava responsável por vender os alunos e levar as plantas até eles, bem como as comidas da Cozinha Sensorial. Percebemos que essa metodologia foi melhor sucedida do que a tentativa inicial com a turma da manhã, mas ainda precisávamos de alguns ajustes para o dia seguinte.

Figura 6- Alunos do Ensino Fundamental participando em grupo do Jardim Sensorial.



Fonte: arquivo pessoal, 2019.

No dia 24, mudamos de stand e tivemos que reorganizar os materiais, mas mantemos as mesmas posições. Recebemos, na maior parte do dia, turmas do 9º ano do ensino fundamental II, que foram conhecer o *campus* e olhar as exposições da Semana de Ciências e Tecnologias, bem como o projeto. Novamente, mudamos a metodologia da apresentação e, finalmente, conseguimos ajustar de forma a atender a demanda dos estudantes. Nesse dia, começamos a pedir voluntários que pudessem passar pela experiência de modo que os colegas também interagissem enquanto observavam. Então,

geralmente dois ou três eram vendados enquanto os demais observavam o comportamento e faziam comparações. Isso não foi um problema, pois nessa faixa etária, os participantes preferiam mais observar o próximo do que passar pela experiência em si (ao contrário das crianças).

Um dos participantes que recebemos ao longo do dia era surdo. A experiência foi boa e complexa ao mesmo tempo, pois o jardim era sensorial justamente pela ação mediatizada pela fala. Precisamos, então, dar algumas instruções após explicarmos sobre o projeto em si (com a ajuda do intérprete de LIBRAS) e orientamos que, conforme fosse sentindo a planta, tentasse dizer - através dos sinais - o nome da mesma e/ou se lhe era familiar. Conforme ele ia acertando, a intérprete sinalizava com sua mão. Ao final do dia, organizamos o stand para o dia seguinte e tivemos cuidado com as plantas utilizadas.

O terceiro e último dia foi o mais significativo no que se refere ao público alvo do nosso projeto. Aliamos o Jardim Sensorial ao trabalho de jogos inclusivos da turma de Biotecnologia do Ifes Vila Velha em parceria com a Capes. Recebemos, na sala de aula em que ficamos, alunos do Ensino Fundamental. Porém, participaram da experiência aqueles que tinham o interesse, pois se tratava mais da exposição dos recursos inclusivos, por termos dividido o projeto. Dentre esses participantes, uma menina de 7 anos com deficiência visual passou pelo nosso Jardim Sensorial Itinerante. A expressão foi de extrema curiosidade e empolgação ao conhecer a variedade de plantas utilizadas. A participante falava repetidamente “O jardim está lindo!”, além de agradecer muito pela experiência.

Figura 7- Criança com deficiência visual experienciando o Jardim Sensorial



Fonte: arquivo pessoal, 2019.

Figura 8- Criança com deficiência visual se comunicando em Libras, com a ajuda da intérprete, com o jovem (surdo)



Fonte: arquivo pessoal, 2019.

Encerrado o período da manhã, voltamos ao stand para a programação da tarde, recebendo mais turmas que visitaram o *campus*. Recebemos, também, no stand, duas mulheres deficientes visuais, cada uma com seu cão-guia. Explicamos sobre o projeto e fizemos o método de sentá-las de frente para a mesa enquanto colocávamos o vaso de planta ao alcance das mãos. A parte que mais chamou a atenção foi quando uma delas (formada em Nutrição) espantou-se com a estrutura da planta denominada “cavalinha”,

contando que durante as aulas da faculdade ouviu falar muito acerca dos seus benefícios e propriedades, mas que nunca havia apresentado a planta para ela. Encerradas as visitas ao campus, recolhemos os materiais e devolvemos as plantas às estruturas nas quais estavam antes para se recuperarem.

Notou-se ao longo da experiência que, enquanto os participantes estavam vendados, percebiam de forma diferente as plantas que lhes eram apresentadas. Diferentemente, os alunos que estavam observando não conseguiam notar a diferença entre o boldo e a hortelã pimenta, por exemplo, cujas texturas são bem opostas. Mesmo plantas comuns do dia a dia, como alecrim e manjerição, tornavam-se estranhas quando não eram vistas. Com unanimidade, o cacto foi o que mais causou comentários, pelo medo de sentirem a textura. Contudo, o que foi utilizado não possuía espinhos que perfuravam.

Ao final de cada experiência, aplicamos um questionário a fim de coletar informações acerca da experiência que cada participante teve. A pergunta foi “Qual a contribuição para o ensino de ciências de estar num Jardim Sensorial onde são trabalhados outros sentidos?”. Segue algumas respostas que obtivemos como retorno:

Pessoalmente falando, mostra que não podemos capturar todas as características de um objeto utilizando somente um sentido. Estar vendado e utilizar os demais sentidos em conjunto me deu uma nova gama de conhecimentos. (Participante 1, 2019).

“O desenvolvimento sensorial, principalmente em caso infantil, onde se pode trabalhar consciência ambiental” (Participante 2, 2019).

“Saber ser inclusivo, saber se colocar no lugar de pessoas com baixa visão ou cegas” (Participante 3, 2019).

“A possibilidade de inclusão e de diversificar o ensino e as formas de aprendizagem.” (Participante 4, 2019).

Os participantes que fizeram parte do público alvo relataram que a maior contribuição foi trazer mais sentido ao ensino de ciências, principalmente ao aproximar o cotidiano dos saberes científicos.

CONCLUSÃO

Ao final de cada atividade, percebemos a importância do contato com o Jardim Sensorial, tanto para alunos videntes quanto para alunos deficientes visuais, bem como contribuição deste espaço para o ensino de ciências, pois é um recurso pedagógico em potencial que desperta no estudante o interesse e a curiosidade, contornando um ensino meramente tradicional. Coube também alertar para a importância de exercitar todos os sentidos; e não somente a visão. O Jardim Sensorial também desempenha um importante papel para a inclusão, pois permite que alunos videntes passem pela experiência de se colocarem no lugar do outro no momento em que lhes vendamos os olhos.

Para alunos surdos, coube repensar as práticas para que pudéssemos mediatizar a experiência de forma correta e que melhor lhes atendesse, pois, percebemos que a mediação é o ato fundamental da dinâmica do Jardim Sensorial (itinerante ou não). Também notamos que é necessário haver um monitor que domine a língua de sinais, LIBRAS, ou que esteja acompanhado de um intérprete.

Aos participantes deficientes visuais, nosso público alvo, ficou clara a indispensabilidade da inclusão dessas pessoas no ensino de ciências desde a educação básica até a graduação. O contato mediado com as plantas revelou uma exclusão subentendida, pois algo que deveria ser comum torna-se excludente a partir do momento em que essas pessoas são privadas de conhecerem as estruturas diferentes de cada planta, assim como suas texturas, suas formas e tantas outras características que para uma pessoa vidente já são comuns. Citando o exemplo da nutricionista, vimos que não conhecia uma planta muito comum aos videntes, visto que qualquer imagem na internet já basta para conhecer sua forma. Tendo como base Vigotski, é necessário que tal inclusão seja feita de forma a visar as possibilidades dos alunos, integrando-os às atividades para que alcancem um aprendizado de forma tão efetiva quanto quaisquer outros alunos.

REFERÊNCIAS

ABBAGNANO, N. **Dicionário de Filosofia**. 6. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2012.

ALMEIDA, C. L. S. *Hermenêutica e Dialética: Hegel na perspectiva de Gadamer*. In: ALMEIDA, C. L. S.; FLICKINGER, H; ROHDEN, L. (org.). **Hermenêutica Filosófica**: nas trilhas de Hans Georg Gadamer. 1. ed. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2000. p. 61 - 115.

CUNHA, A. G. **Dicionário etimológico da língua portuguesa**. 4. ed. Rio de Janeiro: Lexikon, 2010.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da esperança**: um reencontro com a pedagogia do oprimido. 5. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1998.

FREIRE, Paulo. **A Pedagogia do Oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1981.

FURMAN, Melina. **O ensino de Ciências no Ensino Fundamental**: colocando as pedras fundacionais do pensamento científico. São Paulo: Instituto Sangari, 2009.

GADAMER, H.-G. **Verdade e método I**: traços fundamentais de uma hermenêutica filosófica. 15. ed. Petrópolis: Editora Vozes, 2015

KAUARK, Fabiana; MANHÃES, Fernanda Castro; MEDEIROS, Carlos Henrique. **Metodologia da pesquisa**: guia prático. Ita- buna : Via Litterarum, 2010.

KONDER, L. **O que é dialética**. 28. ed. Brasília: Editora Brasiliense, 2012.

MANTOAN, Maria Teresa Eglér. **Inclusão escolar**: o que é? por quê? como fazer? São Paulo: Moderna, 2003.

MARQUES, C. A. M. **Uma leitura da inclusão a partir do pensamento de Paulo Freire**. Inter -Ação: Rev. Fac. Educ. UFG, 31 (2): 219-229, jul./dez. 2006.

MORAES, R. **A educação de professores de ciências**: uma investigação da trajetória de profissionalização de bons professores. 1991. Tese (Doutorado em Ciências Humanas) – Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 1991.

MORAES, R.; GALIAZZI, M. C. **Análise textual discursiva**. 1. ed. Ijuí: Editora Unijuí, 2007.

NUERNBERG, Adriano Henrique. **Contribuições de vigotski para a educação de pessoas com deficiência visual**. Psicologia em Estudo, Maringá, v. 13, n. 2, p. 307-316, abr./jun. 2008

RAMBO, Graciele Cristiane; ROESLER, Marli Renate von Borstel. **Vivência com a natureza no ambiente escolar na primeira infância e sua relevância para construção do respeito e cuidados com o meio ambiente.** São Paulo: Revbea, V. 14, No 1: 111-131, 2019.

ROHDEN, L. **Filosofando com Gadamer e Platão: Movimentos, Momentos e Método(s) da Dialética.** Revista Dissertatio de Filosofia, Pelotas, v. 36, s.n., p. 105-130, 2012.

SANTOS, Laís Carla Simeão da Silva. **Atendimento educacional especializado à criança com baixa visão de zero a três anos na educação infantil.** Dissertação (Mestrado em Educação)- Universidade Federal do Espírito Santo, Centro de Educação. 2016.

SOUSA, R. S.; GALIAZZI, M. C.; SCHMIDT, E. B. Interpretações Fenomenológicas e Hermenêuticas a partir da Análise Textual Discursiva: a Compreensão em Pesquisas na Educação em Ciências. **Revista Pesquisa Qualitativa**, São Paulo, v. 4, n. 6, p. 311-333, dez. 2016.

VIGOTSKI, Lev Semenovitch. **Obras escogidas: fundamentos de defectologia**, v. 5. Madrid: Visor, 1997.

Recebido em: 23 de novembro de 2020.

Aceito em: 21 de janeiro de 2021.